

O QUE BEIJING SIGNIFICA PARA AS MULHERES DO MUNDO¹

NOELEN HEYZER

As mulheres do mundo querem que quatro conquistas emergjam da Quarta Conferência Mundial sobre a Mulher, em Beijing:

- uma nova visão do desenvolvimento baseada nas realidades das mulheres e edificada sobre os direitos das mulheres;
- garantia da existência de recursos, mecanismos e processos adequados para a cobrança de responsabilidade e a implementação dessa nova visão;
- consolidação e construção de novas bases de solidariedade para o movimento internacional de mulheres como uma força global que nos conduzirá ao século XXI;
- fortalecimento das novas parcerias emergentes entre a sociedade civil e o governo, para que possam trabalhar em conjunto no tratamento dos nossos problemas comuns.

A visão que as mulheres têm do desenvolvimento

As mulheres desejam afirmar em Beijing o tipo de mundo onde querem viver. Além de tentar estabelecer a igualdade entre mulheres e homens em um determinado mundo, precisamos também questionar o mundo em si, considerando-se a crise econômica e social que enfrentamos. Não basta falar sobre a igualdade na parceria entre homens e mulheres, em um mundo que está produzindo simultaneamente novos padrões de riqueza e de pobreza. É inaceitável que as mulheres constituam 70% do 1,3 bilhão de pessoas que vivem em condições de pobreza absoluta no mundo.

Precisamos questionar os processos que geraram um mundo de desigualdade, instabilidade e conflito. Vivemos hoje em um mundo onde um trilhão de dólares mudam de mão a cada dia no mercado financeiro global, onde as economias nacionais são desestabilizadas por processos transnacionais, onde os conflitos armados aumentaram desde o fim da Guerra Fria, onde os conflitos étnicos

¹ Discurso proferido por Noeleen Heyzer, Diretora do UNIFEM, diante da Comissão da Condição da Mulher. Março de 1995.

e religiosos se tornaram uma realidade permanente em quase todas as regiões, onde uma proporção significativa dos recursos mundiais é empregada na produção de armamentos e onde a crise ecológica que desafia a humanidade atingiu o seu ponto mais grave.

O mundo que as mulheres almejam é aquele onde os processos de desenvolvimento atribuam poder às pessoas e às mulheres em particular. Deverá ser um mundo onde possamos criar condições de vida sustentáveis, construir vidas estáveis, construir a paz e resolver os conflitos de forma durável. Para que isto seja possível, é necessário que uma nova ética e uma nova moral de envolvimento sejam transportadas para o centro do pensamento e da prática do desenvolvimento. Isto deve basear-se nas perspectivas e nas realidades das vidas das mulheres. Não é possível sustentar-se um mundo onde são levadas em consideração as necessidades e as perspectivas de apenas metade da humanidade.

Existe atualmente um entendimento de que um mundo dividido por interesses opostos e conflitantes é insustentável. Precisamos de um mundo em que um setor da sociedade não seja sacrificado em benefício de outro. As mulheres querem um mundo onde as necessidades de todos os setores da sociedade sejam atendidas, especialmente daqueles com maiores carências.

Cobrança de responsabilidade e implementação desta visão

Os sólidos alicerces necessários para construir um mundo assim já existem, com base nas conquistas obtidas nas diversas conferências e cúpulas mundiais. No Rio, os líderes mundiais abraçaram a noção de que a participação eficaz das mulheres como gerenciadoras do meio ambiente é vital para a obtenção do desenvolvimento humano sustentável. Em Viena, os governos reconheceram que os direitos das mulheres são direitos humanos e que é preciso prestar atenção às violações com especificidade de gênero, tal como a violência contra as mulheres, a fim de manter o compromisso de direitos humanos para todos. No Cairo, a igualdade e a equidade de gênero, a atribuição de poder às mulheres, sua saúde e direitos reprodutivos foram reconhecidos como pedras fundamentais para políticas de desenvolvimento eficazes. Em Copenhague, a Cúpula Mundial para o Desenvolvimento Social reconheceu que a igualdade e a atribuição de poder às mulheres não só são essenciais para a sobrevivência da raça humana, como são também requisitos para a conquista dos objetivos de emprego produtivo, integração social e erradicação da pobreza.

As mulheres agora precisam desempenhar um papel protagonista não só na criação de uma nova visão de desenvolvimento, mas também na implementação de sistemas e processos que irão criar um futuro sustentável para todos. As mulheres estão pedindo maior comprometimento, cobrança de responsabilidade e recursos para a implementação do que resultou das várias cúpulas e conferências mundiais. Torna-se crucial, neste momento, construir sobre nossas conquistas coletivas e atender às demandas das mulheres para que recursos substanciais sejam investidos na tradução de palavras em ações significativas. Um dos compromissos assumidos durante a Campanha 180 Dias/180 Maneiras (180 Days/180 Ways), coordenada pela

Reunião de Mulheres, será a criação de vontade política e a geração de novos recursos a fim de que os desejos e as visões das mulheres se realizem.

O movimento internacional de mulheres como uma força global

As mulheres têm-se esforçado extremamente para criar novos espaços onde sua voz tenha sido ouvida e onde um consenso tenha sido forjado. Dessa forma, elas reformularam o processo político internacional e contribuíram para a construção de uma sociedade civil global. Articularam, também, uma agenda internacional de desenvolvimento das mulheres para o século XXI. Estas sofridas conquistas devem constituir os alicerces sobre os quais se construirá o documento que resultará da Conferência de Beijing.

O movimento internacional de mulheres encontra-se em um momento crucial, no qual muito já se conquistou, mas ainda há muito por mudar. Por intermédio de suas redes internacionais, as mulheres tornaram-se uma força global que não pode ser ignorada. No entanto, pelo fato de essa força global abranger assuntos tão diversos, torna-se necessário encontrar novas bases de solidariedade. Precisamos encontrar maneiras de construir bases e consenso comuns que irão entrelaçar as diferentes realidades das mulheres em todos os níveis da sociedade. Precisamos construir solidariedade não pela obtenção do mínimo denominador comum, mas sim por meio de uma visão coletiva de esperança que gere inspiração.

Novas parcerias entre governo e sociedade civil

Precisamos assegurar que as recomendações e as conquistas alcançadas no âmbito internacional se façam sentir na vida das mulheres nas comunidades e no âmbito nacional. Isto requer a criação de espaço político não só no âmbito internacional, mas também a consolidação deste espaço nos âmbitos nacionais e locais. Para tanto, é preciso estabelecer novas parcerias entre o governo e a sociedade civil, com novas formas de liderança e governo.

Neste momento de tantas crises mundiais, não podemos suportar mais uma crise - a crise de liderança. Existe uma necessidade urgente de uma nova ética de governo e de um novo processo de liderança. Os antigos estilos de liderança não podem tratar adequadamente da nossa nova situação mundial, dos nossos novos problemas mundiais.

Precisamos de um novo estilo de liderança que não exerça poder sobre as pessoas, recursos e territórios, mas que exerça poder com eles. Uma liderança que não domine ou reprima, mas que dê poder, que lidere enquanto permite que as pessoas cresçam.

O papel do Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher

Tendo-se desenvolvido a partir dos desejos e das aspirações das mulheres, mas sendo ao mesmo tempo parte do sistema das Nações Unidas, o UNIFEM é a única agência das Nações Unidas responsável pela tarefa de dar poder às mulheres.

O UNIFEM é a voz e a consciência das mulheres no âmbito do sistema das Nações Unidas. Nosso papel é acompanhar os compromissos assumidos pela comunidade internacional e garantir que a atribuição de poder às mulheres seja reconhecida como fundamental para a criação de um mundo sustentável.

O que significa dar poder às mulheres? Isto acontece em quatro vertentes:

1) a noção das mulheres sobre seu próprio valor; 2) o direito de fazer escolhas; 3) o poder de controlar suas próprias vidas dentro e fora do lar; e 4) sua capacidade de influenciar o sentido das mudanças sociais e de criar uma ordem social e econômica justa, tanto nacional como internacionalmente.

O desafio que enfrentamos é o direcionamento das estratégias da atribuição de poder às mulheres para o funcionamento do mercado e do Estado, para que estes atendam às necessidades e contribuições das mulheres tanto como produtoras quanto como reprodutoras.

A agenda de desenvolvimento da mulher constitui o plano de ação do UNIFEM, na qual atua como instrumento de mudança. Nesta situação de carência global, as prioridades de trabalho do UNIFEM concentram-se nos principais desafios que afligem as vidas das mulheres. Assim sendo, tenta-se reverter a feminização da pobreza no contexto da globalização e reestruturação econômica. O UNIFEM visa a edificar sobre as bases dos direitos das mulheres a meios de vida sustentáveis e comunidades saudáveis, como um novo fundamento para a estabilidade global, e enfatiza a necessidade de se aperfeiçoar as capacidades das mulheres e promover o surgimento de novas lideranças no setor. As mulheres têm um grande interesse em criar novas parcerias e processos que possam precipitar mudanças, já que são as primeiras a sofrer com governos incompetentes, por consequência tanto das políticas de desenvolvimento como daquelas relacionadas com a guerra e a paz.

O UNIFEM busca contribuir para os sistemas e os processos que fortalecem a agenda de mudanças das mulheres, arrecada fundos e os transfere diretamente para as mãos delas e facilita a contribuição das mulheres para a promoção de bons governos, maior cobrança de responsabilidade e uma nova ética baseada na igualdade e na justiça social.

Neste contexto, o UNIFEM iniciou um processo de estabelecimento de uma rede de ministras, para pressionar pela implementação da Agenda pela Igualdade que resultará da Conferência de Beijing e para estabelecer uma relação de mediador entre o movimento de mulheres, os nossos governos, doadores e organizações internacionais.

O UNIFEM está incumbido de liderar a voz das mulheres na manifestação dos seus desejos e aspirações pela igualdade, pela paz e por um planeta saudável. Mas, para assegurar que a agenda de desenvolvimento da mulher se torne realidade e não apenas um eco vazio, torna-se urgente que os Estados Membros fortaleçam o Fundo para permitir que ele ingresse nesta fase nova e crítica do seu trabalho. O UNIFEM precisa obter poder econômico e tornar-se altamente visível a fim de se tornar um eficaz defensor global das mulheres. O UNIFEM precisa fortalecer-se com o processo de Beijing para o trabalho dos próximos dez anos.

As mulheres não se satisfazem mais com gestos simbólicos. Elas querem compromissos duradouros que façam uma verdadeira diferença em todos os níveis

da sociedade. Neste momento crítico da história humana, precisamos reunir todos os esforços, grandes e pequenos, que estejam voltados para a direção certa. Só com uma convergência global de energias poderemos criar uma agenda do desenvolvimento da mulher com vistas a um mundo sustentável e justo, não só para nós, mas também para as gerações futuras.

Publicações do Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos - CIEC. Últimos títulos:

- Série Quase Catálogo

nº 2 - **Artistas Plásticas no Rio de Janeiro 1975-1985**

Organizado por Heloísa Buarque de Hollanda

nº 3 - **Estrelas do Cinema Mudo - Brasil 1908-1930**

Organizado por Heloísa Buarque de Hollanda

nº 4 - **A Telenovela no Rio de Janeiro 1950-1963**

Organizado por Beatriz Resende e Marta Klagsbrunn

nº 5 - **Heranças e Lembranças - imigrantes judeus no Rio de Janeiro**

Organizado por Susane Worcman

nº 6 - **Visões da Abolição** (no prelo)

Organizado por Marcia Contins

- Série Papéis Avulsos

nº 47 - **Nos Rastros de um modernismo carioca.** Vera Lins.

Universidade Federal do Rio de Janeiro - Escola de Comunicação - CIEC/Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos. Avenida Pasteur, 250/fds. - 22295-900 - Rio de Janeiro - Brasil. Tel. e fax (021) 275 1647.

